

1 abigail Campos Leal movimenta as suas ações y seu palavrarr entre as fronteiras da filosofia y poesia. possui mestrado em Ética Aplicada pela UFF, em Filosofia pela UFRJ y atualmente cursa o doutorado em Filosofia pela PUC-SP. é também uma das organizadoras do Slam Marginalia (competição de poesia falada feita por y para pessoas trans, que acontece em SP). publica textos autorais y traduzidos em formatos de fanzines em torno das questões de gênero y sexualidade, anti-especistas, anti-capitalistas, anti-coloniais y anti-racistas. publicou seu primeiro livro esse ano, "escuirecendo: ontografias poéticas", pela editora O Sexo da Palavra y ainda esse ano publicará "ex/orbitâncias: os caminhos do comunitarismo y da deserção de gênero", pela GLAC Edições.

email
bibicamposleal@hotmail.com
instagram
@bibirigosa

me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans

abigail Campos Leal¹

resumo

questionando a concepção eurobranca de estudo, reduzida à sua dimensão epistemológica, o presente ensaio aposta que, no contexto das vidas pretas y trans (articuladas mas entendidas também em suas particularidades), os estudos funcionam tanto como cura (dimensão terapêutica) quanto arma (dimensão bélica). fazendo um diálogo cruzado com elementos autobiográficos, com o pensamento radical preto y com a construção dos saberes trans em diferentes contextos, expande-se a noção de estudos para compreendê-la em suas múltiplas funções existenciais y vitais.

palavras-chave: saber prete; saber trans; cura; arma.

"Dei banho nas crianças e preparei pra sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem."
Carolina Maria de Jesus (*Quarto de Despejo*, p. 24).

"Quando os padres partiram, depois de terem cumprido todos os seus ofícios, Ponciá logo percebeu que não podia ficar esperando por eles, para aumentar o seu saber. Foi avançando sozinha e pertinaz pela folha da cartilha. E em poucos meses já sabia ler"
Conceição Evaristo (*Ponciá Vivência*, p. 26).

recentemente, já em meio a pandemia, me peguei mastigando uma velha lembrança que vira e mexe teima em me assombrar. me lembro da minha mãe me contando que quando era criança, ela gostava brincar de "datilógrafa", usando tijolos como máquina de escrever. e/u devia ter uns seis anos quando ouvi ela contar essa história pela primeira vez e lembro de ter achado engraçado: "quem gosta de brincar de escrever? que chato. que nerd. Mamãe é doida", pensei e/u. Nessa mesma época, também me lembro de achar um pouco curioso e encantador o fato de sempre ter espalhado pela minha casa vários livros espíritas que ela constantemente manuseava, e que as vezes pedia para que nós abrissemos uma página aleatória, em seguida ela lia e nos perguntava o que entendemos. Só depois de mais de vinte anos é que consegui acessar parte da densidade existencial y política inscrita nessas duas cenas. minha mãe articulava aí um uso terapêutico do saber. Para uma criança pobre, filha de um pai carteiro e racializado como mestiço e uma mãe preta-indígena dona de casa, escrever (no fabuloso universo infantil das "profissões") significava a possibilidade de entrar em um mundo de fantasias incríveis. escrever só era uma brincadeira possível, porque no seu contexto, a escrita figurava um mundo distante encantador. De outro modo, o acesso à escrita e a leitura, especificamente a leitura espírita, me parece ter sido uma ferramenta fundamental para ela atravessar

as dificuldades e momentos difíceis que a vida lhe colocou. Nesse contexto, o acesso aos saberes é também a possibilidade de produção de saúde existencial: o saber devém brincadeira quando o tijolo devém máquina de escrever; y a leitura devém vida quando as passagens lidas de um livro possibilitam luzes espirituais que ajudam a iluminar o caminho turbulento da travessia existencial. criança-pobre y mãe-solteira-trabalhadora são vidas possíveis porque se entrelaçam nos fios terapêuticos dos saberes.

também m/e peguei atravessada em diversos momentos lembrando do meu pai contando a história da infância de seu pai, meu avô, uma pessoa de origem amazonense racializado como "caboclo". Ele falava com muito orgulho e com um tom enigmático, meio triste, que meu avô caminhava em torno de dez quilômetros para ir à escola; que, fizesse chuva ou sol, ele ia para a escola, não podia faltar. ao trazer essa narrativa, meu pai parecia querer mostrar como a escolarização era ferramenta, chave, arma, fundamental para a continuação vital da nossa família; expressa no imperativo da caminhada (rumo à escola), do corre, que não pode parar. Aí, o saber não está mais confinado ao "luxo", como tentam fazer certas narrativas. Acessar saberes, nesse contexto, significa ter acessos a armas que possibilitam tanto que a vida brote em meio à pobreza, quanto que ela possa ser defendida da morte. Aí o saber é força, poder, possibilidade de seguir atravessando o tecido da vi/da. criança cabocla anda anda anda, caminha quilômetros pra estudar, porque o acesso ao palavrar do saber dá força para a vida cabocla envivecer.

para Carolina Maria de Jesus, ler não era um mero passatempo, mas a constituição de um lugar de alívio e aconchego existencial que possibilitava superar mais um dia na vida dura y duída de uma mulher preta retinta mãe solteira catadora de papel favelada. E desse alívio das mazelas impostas pelo capitalismo racial, figurado na leitura-escrita, ela fez seu ganha-pão, seu viver. escritas que atravessaram o tempo, fronteiras, idiomas, contribuindo para o (seu) prosperar preto... saber curar, saber viver. Conceição Evaristo nos mostra como o saber pode navalhar o tecido da mis/éria que cobre a vida de corpos pretos. Ponciá, uma jovem preta neta de pretos escravizados, aprende a ler através de padres missionários que se vão antes mesmo de terem completado sua "missão" alfabetizadora; Ponciá sabe, sente, pressente, a força que esse saber possibilita em termos de vida y corre atrás, por conta própria, da sua concretização. É através de bilhetes escritos, mais tarde, que ela terá acesso a oportunidades de trabalho y a reencontros familiares, refundando y defendendo sua genea/logia, marcada por violências raciais profundas. saber (se) armar, saber viver.

os saberes são plásticos, esticam suas formas até tocarem o campo da cura y da guerra da y pela vida. Saberes Clássicos, sem dúvida, que remontam a tradição ocidental y sua metafísica branca: a Escrita fonético-alfabética; a Filosofia, Sócrates, Platão, Plotino, Descartes, Leibniz, Kant, Hegel...; a Ciência; Hipócrates, Pitágoras, Bacon, Copérnico, Buffon, Darwin, Newton. essa merda toda, sim, mas também (e esse também não pode ser subestimado) a poesia, a poesia marginal que é a poesia da poesia, o palavrar solto y perdido, disruptivo, afetado, as diferentes vocalizações, os gestos de lábios y línguas, a voz, o som preto, de Maya Angelou à Luz Ribeiro, de Aimè Cèsaire à tatiana nascimento. a literatura, as narrações fantásticas de bocas pretas que relampejam o futuro na palavra empro(vi)

sada, as viadagens pretas de James Baldwin, as gongações ácidas de Lima Barreto, a exuzidade afetiva de Cidinha da Silva, azamizade sapapreta de Audre Lorde, as escrevivências de Conceição Evaristo. a música, a revolta sônica do punk, a pulsação reboiativa do funk, a dança das ondas sonoras que saem de superfícies golpeadas para golpear os nossos labirintos, a beleza invisível do som, Dona Ivone Lara y Racionais MC's, Leadbelly e Tim Maia, Erykah Badu y Cólera, blocos de marchinha de carnaval de rua, os atabaques pulsando força espiritual nos terreiros, a caixa estourando ao som do funk 150bpm nos bailes de favela, a roda de samba no quintal aos sábados, a House Music que faz corpos fritarem numa pista de dança escura y abafada ou faz corpos voguearem numa BallRoom; a espiritualidade, as giras y as coreografias da cura dos terreiros, a macumba y o maculelê ressoando, os cantos, as gargalhadas, os passes, as águas e comidas y seus barulhos, o tom das histórias, os gritos y as mudanças de vozes, os cantos, a calma do silêncio, a escrita do silêncio. aí, em tudo isso aí, o tempo todo y em toda parte, são os saberes que estão circulando.

não é somente entre pretes y não-brancos que o saber cruza o seu caminho com os caminhos da cura y da guerra. entre desertoras do binarismo de gênero y da heterossexualidade compulsória esse babado também acontece, diferentemente. quando passei a estudar em escola pública na então terceira série, durante o recreio, para fugir da socialização cishétero y do seu terrorismo, e/u me "escondia" na biblioteca. Inicialmente e/u só ficava esperando o tempo passar. mas descobri que a melhor forma de fazê-lo passar era me distrair. Comecei a folhear alguns gibis da Turma da Mônica, e acabei nutrindo um certo gosto pela leitura. Logo após algumas semanas, e/u consegui me adaptar mais às dinâmicas da escola y acabei largando a sala de leitura e o hábito de ler, mas essa experiência marcaria minha vida para sempre, e teve, mais tarde y de forma ainda mais intensa, uma forte relação com o meu desejo pela leitura y pelo mundo das escritas. estranha história de uma criança viada que se refugia da violência cishétero na biblioteca y pega gosto pela leitura de gibi. quando consegui acessar a densidade onto-epistêmica desse momento, pude entender, através de um sentir, como o meu gosto pelos estudos foi uma ferramenta vital que possibilitou, de uma só vez, me curar de feridas y me defender da violência, ambas causadas pelo terrorismo onto-lógico y pelas políticas de morte cis-heterossexuais. acaso/destino se cruzam nessa história de saberes transviados.

Pedra Costa, numa conversa, certa vez, me disse que o seu trabalho era invisível porque seu trabalho consistia em criar comunidade. Foi com Pedra que aprendi o trabalho invisível da construção comunal gênero y sexo desertora. Foi com ela y uns tantos outros que e/u descobri que a teoria feminista e a chamada teoria queer (as de fanzines xerocados compartilhados num show da Solange To Aberta, não as do cânone queer cis-branco) poderiam ser ferramentas concretas aplicáveis ao contexto da vida cotidiana para possibilitar a reconstrução do corpo, das performatividades, das existências, em outros termos – com Pedra também aprendi a dizer adeus à teoria queer. Foi numa conversa num bar com uma amiga trans que tive a minha primeira consulta de ginecologia travesti (beijos). Foi com Indianara Siqueira que aprendi a ambivalência do jogo político-afetivo das travestis, pendulando entre dar ekê no terrorismo cishétero y fortalecer a coletividade transvestigênera. Com Susy Shock aprendi que as transformações do corpo trans

são inscrições poéticas, y que a partir daí é possível se palvrrar a poesia travesti. aprendi com L.S. que é possível torcer os conceitos da chamada filosofia pós-estruturalista para aplicar aos nossos interesses cotidianos mais mundanos y baixos. aprendi com Neon Cunha que forjar nossas ancestralidades trans pretas é um duro y infinito exercício; mas dureza nenhuma anula a alegria de ver a vida trans (antes) apagada brotando novamente.

toda essa circulação pedagógica trans foi fundamental não para o meu aprimoramento intelectual, mas para a construção da uma espécie de inteligência ontológica, com a qual pude mover minha corpa trans, fazendo dela uma corpa viva, rumo à novos lugares! e eu aprendi também lendo livros, ouvindo músicas ou itãs de travestis, lendo um artigo de Hija de Perra, em performances artísticas, em Slam´s. e/u aprendi lendo Foucault e Jack Halberstam, aprendi numa roda de improvisos na Batalha Dominação, numa fala de Jota Mombaça no MASP y em seguida akuendendo uma taba numa roda de deboches, numa troca de ideias entre Castiel Vitorino y Michelle Mattiuzzi na Casa 1, nos bares da Cesário Mota com Adelaide Estorvo relembando Cris Negão e Cláudia Wonder, numa oficina de ejaculação vaginal e massagem prostática, num desfile da Vicenta Perrota y Manauara Clandestina, vendo Susy Shock recitar no Desfazendo Gênero, bem loca no Baile em Ch3noby1, numa performance de Saraelton Panamby na Casa 24, ouvindo Kika Sena recitar, numa tirinha do Sapatoons Queerdrinhos, numa conversa de bichas pretas relembando Madame Satã, entre as transviadas encapuzadas nos atos de junho de 2013 compartilhando isqueiros y leite de magnésio ou num ato no Arouche contra a violência transfóbica, grudando um macho agressor na base da garrafada com as travestis na rua... em toda a multiplicidade, o que está circulando nessas cenas disparatadas, são saberes trans. a arte trans de se curar y se defender.

um saber não deve ser avaliado apenas a partir de onde ele emana (academia, música, religião, artes de galeria, arte de rua...), mas a partir dos usos que ele apresenta para a vida, para o envivecer.

me parece muito pouco vantajoso e até mesmo perigoso, um certo pathos anti-intelectual que vejo crescer nos últimos anos entre diversos setores da sociedade brasileira (mas também a nível global), de ultradireitistas à conservadores, de brancos à pretes engajades na luta anti-racista, entre a supremacia cis e entre travestis. Como se a pura experiência e as narrativas de vida fossem água suficiente para regar a jornada da existência. Como se acessar (outras) instâncias do saber fosse algo essencialmente errado, reacionário, imoral. Como se uma pessoa trans e/ou preta acessando espaços institucionais (universidades, museus, galerias, meios de comunicação) historicamente reservados à cisgeneridade branca estivessem apenas reforçando a sua estrutura e não, também, contribuindo para abalar as mesmas. Robin Kelley (*Freedom Dreams: The Black Radical Imagination [Sonhos de Liberdade: A Imaginação Radical Preta]* p.8 – tradução minha do original em inglês) nos mostra como a cisão entre "ativismo" e "trabalho intelectual" é perigosa, trazendo inúmeros exemplos da tradição preta radical que sempre entenderam e articularam as complexas relações entre a ação política y o trabalho do pensamento. Mesmo espaços historicamente hegemônicos pela branquitude cishétero

podem ser colocados para funcionar a partir de interesses trans e pretes. Stefano Harney e Fred Moten (*The Undercommons: Fugitive Planning and Black Study*, [*Os Subcomuns: Planejamento Fugitivo e Estudos Pretos*], p.26 – tradução minha do original em inglês) nos lembram que a até mesmo a Universidade pode ser aquilombada: "Sob essas condições, pode-se apenas entrar sorratamente na universidade e roubar tudo que for possível [...] Ela [a universidade] desaparece no subsolo – a (in)discreta e fora do meio comunidade aquilombada da universidade –, nos subcomuns do iluminismo". Entretanto, não podemos achar que esse aquilombamento da universidade é um processo simples ou puro. O fato da entrada preta na universidade, segundo Harney e Moten, precisar ser feita de forma sorrateira e do roubo ser a única forma de relação possível, já nos mostra como o aquilombamento da universidade (y outras formas de assalto aos saberes hegemônicos) não se dá sem tensões, assimetrias, violências e contradições.

para encerrar e/u abro. toco a dádiva das graças na forma da palavra, que não é nem cis e nem branca. e/u soul grata hoje aos fios da vida que colocaram o saber-ler-e-escrever pra funcionar na vida da preta escravizada que conseguiu desertar falsificando a assinatura do seu senhor num passe de locomoção, da criança pobre que maquinava a escrita em tijolos, do caboclinho que andava e andava e andava pra aprender; grata ao acaso do destino que me fez achar uma biblioteca na fuga; grata a vida preta de dona Carolina Maria de Jesus que vingou y a de Conceição Evaristo que ainda vinga; grata pelo caminho de Carú de Paula Seabra ter se cruzado com a arte y a psicanálise e por seu caminho ter cruzado com o meu; sou grata ao destino por ter feito Pedra Costa se esbarrar em algum momento com a teoria queer; grata pela poesia falada, escrita, musicada y gestada no afeto de tatiana nascimento; agradeço a todas as travestis pretas que já cantaram - y sonharam em cantar - por terem possibilitado que Ventura Profana produzisse vida trans preta através das suas torções musicadas da liturgia neopentecostal; sou grata por algum dia Susy Shock ter palavrado a poesia monstra em Salvador; por ter colocado Castiel Vitorino nos caminhos da cura preta ancestral da macumba y da produção artística e intelectual; agradeço ao destino por ter permitido Jota Mombaça cruzar o Atl/ântico para parir suas artes descaravelantes, refundando a vida não-branca y sexo-gênero desertora em plena terra de colonizadores.

aí, então, era o saber, mas também o estudo, que estava circulando o tempo todo. estudo não só como acesso aos saberes legitimados pela y da tradição cishétero branca, mas "estudo como movimento [...] estudos através do corpo [...] estudo como prática especulativa", estudo como um "tipo de prática itinerante, móvel", estudo como quando "Marvin Gaye canta" e estudo como "música popular preta" e como "RAP" (Harney e Moten *The Undercommons* [*Os Subcomuns*] p. 118, 121, 137 – tradução minha do original em inglês). estudamos ouvindo música, lendo, estudamos trocando links de editais entre nós, conversando num bar, lendo num metrô lotado de manhã; estudamos ouvindo histórias de tios e avós em churrascos nas lajes aos domingos; estudamos em museus renomados rindo da mediocridade da arte cishétero branca, e na universidade, trocando olhares debochados entre as nossas durante a aula de um professor uó com sobrenome de rua; estudamos tirando o tarot ou preparando uma guacamole, estudamos lendo

os romances de Octávia Butler y ouvindo *A Tábua de Esmeralda* de Jorge Ben; estudamos fazendo carinho em nossos amigues animais y forjando alianças não-humanas; estudamos plantando manjerição y nos masturbando com dildos de plásticos ou enfiando um cristal de ametista no edy. e/u também estudava quando fugia para a biblioteca y ficava lendo gibis para me proteger do terrorismo cishétero. e/u devo minha vida a esses estudos.

me curo y me armo, estudando. a caneta que sublinha palavras de um livro estudado é a mesma que fura a perna de um agressor y o canivete que rasga a pele é o mesmo que talha o nome de duas pessoas trans dentro de um coração na porta de um banheiro sujo de bar. tudo isso é estudo y esses estudos fazem parte da mutação de uma época. isso se fareja. sigo estudando y encaro isso como um momento de cura y de guerra contra o apocalipse branco cishétero.